

# Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados

LUIZ BERNARDO PERICÁS E LINCOLN SECCO (ORGS.)

São Paulo: Boitempo, 2014, 416p.

Maíra Machado Bichir\*

A coletânea *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*, organizada por Luiz Bernardo Pericás e Lincoln Secco, reúne artigos dedicados à apresentação de 25 pensadores brasileiros, cujas produções tiveram lugar entre as décadas de 1920 e 1990. Embora esteja inscrita em um movimento recente da academia brasileira de recuperar a biografia, a obra e o pensamento de seus intelectuais, como é o caso, sobretudo, dos livros que se debruçam sobre os grandes “ensaístas” da geração de 1930, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., a presente obra inaugura um esforço por ampliar de maneira significativa o escopo da concepção de *intérpretes do Brasil*. Ao privilegiarem a articulação entre compreensão do processo histórico e da dinâmica da luta de classes e intervenção na realidade social do país, os organizadores incorporam autores esquecidos e/ou rejeitados pelo mundo acadêmico, estimulando uma reflexão crítica sobre os critérios que fundamentaram a conformação dos cânones do pensamento social brasileiro.

Os artigos que compõem a coletânea não estão organizados segundo uma ordem cronológica rígida, nem divididos em correntes e escolas de pensamento. Com capítulos independentes e metodologicamente heterogêneos entre si, ora

---

\* Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: mairabichir@gmail.com.

eles apresentam um panorama equilibrado com elementos da vida e da obra dos pensadores, ora se concentram em apenas uma dessas dimensões. Neles estão representados autores de diferentes regiões do país, bem como de distintas áreas do conhecimento, sendo que muitas delas geralmente não figuram em obras que versam sobre o pensamento social brasileiro – como, por exemplo, geografia, pedagogia, literatura e jornalismo. As formulações e intervenções dos intérpretes aqui analisados estão intimamente vinculadas com suas experiências práticas e refletem, em grande medida, o impacto que suas atividades profissionais e militâncias políticas exerceram na compreensão de cada um sobre a realidade brasileira.

A militância política no interior do Partido Comunista Brasileiro (PCB), a ocupação de cargos públicos e o ofício acadêmico constituem três grandes ramos em que tais autores podem ser inscritos. No primeiro grupo estão autores cuja trajetória intelectual está notadamente influenciada pela atuação enquanto quadros orgânicos do partido – Octávio Brandão, Astrojildo Pereira e Nelson Werneck Sodré – e pela interlocução crítica com o mesmo – Jacob Gorender, Mário Pedrosa e Caio Prado Jr. Ainda integram esse conjunto Leôncio Basbaum, Heitor Ferreira Lima, Everardo Dias e Rui Facó, pensadores comumente marginalizados ou esquecidos pela academia brasileira, cuja produção ganha aqui reconhecimento. Ao lado de Celso Furtado, o pensamento e, sobretudo, a intensa atuação política de Ignácio Rangel e de Rômulo Almeida são recuperados. Grandes intelectuais orgânicos do Estado, os três dedicaram longo período de suas carreiras refletindo sobre a questão do desenvolvimento brasileiro e, mais ainda, formulando e implementando políticas a partir de suas funções públicas em órgãos e instituições governamentais. Por fim, quanto aos acadêmicos, são valorizados na coletânea intelectuais engajados, autores cujas obras se articulam integralmente com uma práxis política. Além de Florestan Fernandes, Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, já reconhecidos como grandes intérpretes do Brasil, ganham espaço Ruy Mauro Marini, Paulo Freire e Milton Santos, autores que gozam de prestígio internacional, porém são pouco lidos no próprio país. A coletânea lança luz, ademais, sobre o pensamento de Edgar Carone, Câmara Cascudo e José Honório Rodrigues, bem como do *outsider* Maurício Tragtenberg, intelectuais aos quais indubitavelmente podemos atribuir a denominação “renegados”, sugerida na obra.

A obra organizada por Pericás e Secco, além de resgatar o pensamento de autores “rebeldes” e “renegados” da história do pensamento social brasileiro, propõe uma ampliação e complexificação da noção de “intérpretes do Brasil”. Ao valorizar elementos que antes não figuravam nessa categorização, integra ao grupo seletivo de grandes sociólogos, economistas e historiadores brasileiros, militantes políticos, quadros públicos e acadêmicos pouco estudados e discutidos pela intelectualidade do país. Tradicionalmente, os intelectuais que mereciam tal classificação, dedicaram-se à construção de grandes e complexas narrativas sobre a formação e sobre a realidade brasileira. Embora os organizadores da coletânea

não precisem de maneira rigorosa os critérios utilizados para a escolha ou inclusão dos presentes autores em sua obra, é inegável o questionamento implícito dos elementos que deram origem ao restrito grupo dos “intérpretes” brasileiros. Nesse sentido, a revisão da polêmica instaurada por Leandro Konder, em *A derrota da dialética*, recuperada por Marcelo Ridenti em seu artigo sobre Everardo Dias, parece ser um dos pilares orientadores da proposta da coletânea, sobretudo no que diz respeito à primeira geração de militantes políticos do PCB. Ao redimir e recuperar importantes nomes da esquerda brasileira, cujas formulações correspondiam mais às experiências práticas de vida e de luta nos meios sociais de esquerda, do que a um esforço de teorização, como enfatiza Ridenti, os organizadores confrontam a tese de Konder, segundo a qual o pensamento produzido até o início dos anos de 1930 no país, marcado pelo ecletismo e pela incompreensão dos escritos de Marx, teria representado a derrota da dialética.

Se, de um lado, a incorporação de novos autores ao rol de intérpretes do Brasil representa uma renovação no campo da história do pensamento brasileiro, de outro lado, enseja discussões e controvérsias quanto à amplitude, flexibilidade ou fragilidade dos critérios adotados. Ao elegerem um critério tão abrangente como a compreensão do processo histórico e da dinâmica da luta de classes e a intervenção na realidade social do país, os organizadores evitam uma análise mais detida e rigorosa sobre os elementos que vinculam e identificam aqueles autores. Finalizada a leitura da obra, não parece evidente o eixo argumentativo sustentado para a união dos autores em torno de uma mesma categoria. O que congrega tais autores? Todos os que produziram uma interpretação sobre o Brasil e buscaram intervir praticamente na realidade do país poderiam integrar tal coletânea? O que restringiria sua classificação como intérpretes do Brasil? Tal categoria pode abrigar pensamentos de distintas vertentes teóricas e orientações políticas? Quão ampla é esta categoria? Embora esse conjunto de questionamentos não encontre respostas na presente coletânea, não cabe dúvidas de que se trata de uma iniciativa provocativa e inovadora, que incita um olhar para além dos já consagrados cânones do pensamento brasileiro.

Cumprе ressaltar, ademais, uma última consideração relacionada à ausência de intérpretes *brasileiras* na presente coletânea. Na categoria renegados(as), seguramente deveriam ser incluídas pensadoras que se debruçaram sobre a realidade brasileira, como é o caso da intelectual marxista Heleieth Saffioti, que realizou importante e original estudo sobre o papel das mulheres na sociedade de classes brasileira, em suas obras *A mulher na sociedade de classes: mito ou realidade* e *Mulher brasileira: opressão e exploração*, ou de Vânia Bambirra, principal expoente feminina das formulações da vertente marxista da dependência e militante da Organização Revolucionária Marxista Política Operária, cujas grandes preocupações foram compreender o capitalismo dependente latino-americano e refletir sobre as condições e possibilidades de uma revolução social na região.

